

ARQUEOLOGIA EM MOVIMENTO



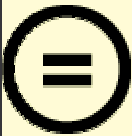
Projecto Pendilhe



Atribuição - Uso Não-Comercial - Não a obras derivadas 2.5**Você pode:**

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra

Sob as seguintes condições:

| | |
|---|--|
|  | Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciado. |
|  | Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais. |
|  | Vedada a Criação de Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta. |

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições pode ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afectados pelo disposto acima.

Este é um sumário para leigos da [Licença Jurídica \(na íntegra\)](#).

[Termo de exoneração de responsabilidade](#)

Lenda da Monstruosa Mentira

“Consta que foi em Pendilhe que nasceu esta lenda. Não se sabe em que data se situa, mas dizem que o caso se passou há muitos anos, com um cavaleiro fidalgo chamado Múnio Viegas.

O sol batia nos cabelos dourados de Aldonça, tornando-os mais belos e brilhantes. Com a cabeça reclinada, apoiava-a numa das mãos, tão brancas que faziam inveja à própria neve. Nos olhos reflectia-se uma nesga de céu. Suspirava Aldonça, na janela da torre. De súbito estremeceu. Presentiu que estava alguém junto dela. Voltou-se e encontrou o olhar profundo do seu tutor, Múnio Viegas. Ele sorriu e sossegou-a.

- Não vos assusteis. Andava à vossa procura e tinha certeza de que estaríeis aqui.

Aldonça esboçou um movimento de indecisão. O tutor chamou docemente pelo seu nome. Aldonça voltou a estremeecer.

- Que quereis, senhor?

Ele estava sério. A sua voz tinha um acento triste:

- Aldonça! sei que esperais por D. Jaime. Mas não creio que ele volte aqui.

A jovem olhou de novo o tutor mas, desta vez, com inquietude.

- Não vira? Porquê, se mo prometeu? A guerra acabou. Vem cheio de glória e eu esperei por ele. Mandou-me, há poucos dias, um recado. Jurava-me o seu amor e marcava o dia de hoje para nos encontrarmos.

A jovem calou-se. Múnio Viegas replicou:

- Assim aconteceu, como dissestes. Mas existe algo que vós não sabeis ainda e que, sem dúvida, o impedirá de tornar a ver-vos.

A jovem levou uma das mãos à boca, para não gritar. Todavia, a sua voz revelava uma ansiedade imensa, ao perguntar:

- Que estais dizendo? Ele não voltará a ver-me?

- Não.

- E porquê?... Morreu?

- *Não... mas será como tal, pois irá morrer para o mundo.*
- *Morrer?*
- *Sim, Aldonça. D. Jaime vai professar no mosteiro onde imagináveis casar!*
- *Não pode ser!*
- *Assim será!*
- *Mas ele... amava-me e eu amo-o!*
- *Ouvi, Aldonça. Tenho um terrível segredo a revelar-vos*
A jovem, que arfava de excitação e mágoa, fitou o tutor.
- *Falai depressa, pois tantas reticências matam-me!*
- D. Múnio envolveu a jovem num olhar que, várias vezes, ela lhe surpreendera. Um olhar dúbio, que muito a assustava. E esclareceu:*
- *Minha Aldonça! Quando vosso pai vos confiou à minha guarda éreis uma menina muito bela, mas contáveis apenas cinco anos. Porém, eu já tinha vinte e estava para casar. Convosco veio, também, a revelação do grande e único segredo que o meu amigo guardava avaramente: vós sois filha de um grande amor da sua vida... mas não sois filha do casal.*
- D. Múnio silenciou. Aldonça abriu os olhos, num espanto.*
- *Que dizeis? Meu pai não era casado com minha mãe? Não morreram ambos de uma epidemia?*
- *Não, Aldonça. Isso é o que nós dizemos, mas vosso pai morreu, há doze anos, num combate. Vossa mãe faleceu antes, quando vós nascestes. Antes de partir para a luta foi-me confiado o segredo. Fui buscar-vos à ama que vos tratava e trouxe-vos para aqui. Cresceste ao lado de meus filhos. Tendes sido acarinhada por minha esposa. E de mim tendes recebido o maior amor da minha vida!*
- Aldonça tapou o rosto com as mãos, soluçando. Depois perguntou:*
- *E D. Jaime? Que tem ele a ver com isto?*
- *D. Jaime é filho do matrimónio... mas o vosso pai é o mesmo!*
- *Não! Não pode ser!*
- *Acalmai, Aldonça! Aflige-me ver-vos assim*

- *Sinto-me desesperada! O meu Jaime... o meu único amor... é meu irmão! Oh!... que horror! Preferia mil vezes a morte!*
- *Foi o que ele disse. Por isso aconselhei-o a professar.*
- *E eu farei o mesmo!*
- *Vós não!*
- *Não... porquê?*
- *Porque não poderei viver sem vós!*
- *Acaso não terei eu de viver sem o meu amor? É pior do que se tivesse ficado por lá, nesse campo de batalha. Poderia, ao menos, pensar nele com todo o ardor da minha alma! Assim... se o fizer... terei vergonha de mim própria!*
- *É isso mesmo, Aldonça. Portanto, o silêncio de um claustro não é aconselhável. Olhai à vossa volta! Deixai-vos amar e o tempo, que tudo apaga, há-de acalmar-vos!*

Aldonça olhou o tutor.

- *Se o claustro é mau para mim... também será mau para ele. Porque o aconselhaste, então, a professar?*
- *Porque receei que, vendo-vos... ele não soubesse calar o amor que vos tributa!*

Aldonça levou as mãos ao rosto, num gesto de horror.

- *Oh, calai-vos! Calai-vos !*

E numa súbita explosão de cólera:

- *Porque não impedistes então, há mais tempo, que nos encontrássemos, antes que este amor crescesse?*
- *Bem o tentei, Aldonça! Acreditai que fui eu quem mandou para a guerra D. Jaime. Ele não soube que manobrei na sombra para o afastar.*
- *É terrível o que me contais!*
- *Bem sei!*
- *Deixai-me professar também!*
- *Não o consentirei!*
- *Porquê?*
- *Porque necessito de vos ver a meu lado!*

- *Tendes os vossos filhos!*
- *Uns andam longe... Outros... aborrecem-me!*
- *Que dizeis?*
- *A verdade. Só a vós eu amo!*
- *Não poderei ficar aqui!... Odeio esta torre, onde tantas vezes esperei por ele... Odeio esta torre, onde agora vejo imundo o maior sonho da minha vida!*
- *Levar-vos-ei para outra torre. Dar-vos-ei outra casa. Sereis feliz ainda, prometo-vos!*

Havia um entusiasmo crescente e estranho na voz de D. Múnio. Aldonça olhou-o, surpreendida. Ele tentou disfarçar, mas ainda se tornou mais suspeito:

- *Perdoai a vossa mãe, que se deixou perder de amores por um homem como era vosso pai! E perdoai a vosso pai a loucura de amar outra mulher que não era a sua... Vossa mãe era aragonesa e tão bela... tão maravilhosamente bela... que só a vossa beleza poderá superar a sua!*

Estava bem junto de Aldonça. Apertava-lhe as mãos. A jovem perturbou-se. Não sabia bem o que pensar, que atitude assumir. Tudo aquilo lhe parecia muito estranho. Esquivou-se, sem contudo falar. Foi ele quem pôs fim ao Silêncio que caíra.

- *Aldonça! Achais-me velho? Tenho apenas trinta e dois anos!*
- A jovem sentiu que algo estava mal. Uma repulsa, semelhante à que sentira quando soubera que amava o irmão, tomava-lhe os nervos. Sem olhar para o tutor pediu, com firmeza na voz:*

- *Deixai que me retire. Preciso estar só, para meditar no meu futuro.*
- *O vosso futuro pertence a Deus e Ele decidirá!*

Alucinado, D. Múnio agarrou-a pelos ombros.

- *Olhai para mim, Aldonça e dizei-me: achais-me velho? Respondei!*
- Vosso pai tinha a minha idade quando conheceu vossa mãe!*

Aldonça mordeu os lábios para não chorar. A máscara havia caído ao seu tutor. Compreendera, agora, todos esses olhares estranhos, todo o

carinho excessivo, toda a maldade com que a pusera ao facto do desgosto da sua vida! Indignou-se. Repetiu:

- *Deixai que me retire!*
- *Não! Agora, liberta de D. Jaime, que acaba de entrar no mosteiro... vós podereis ser feliz noutra casa, longe de tudo isto... e comigo!*

Num safanão, Aldonça libertou-se do abraço que ia receber. Desceu as escadas tortuosas e entrou nos aposentos da esposa do seu tutor. Ia a chorar. Ao vê-la, a dama alarmou-se.

- *Que tendes, Aldonça?*

Ela ia contar a verdade. Mas um sentimento, misto de caridade e timidez, emudeceu-a. A dama voltou a perguntar:

- *Que tendes? Chorastes?*

Então Aldonça contou que D. Múnio lhe dissera, mas apenas a parte que dizia respeito a D. Jaime. Ouviu-a a dama com espanto. Depois, com indignação no olhar e na voz, comentou:

- *Pobre Aldonça! Como puderam forjar tão monstruosa mentira!*

A jovem fitou a dama, interrogando-a com o olhar. Mas era tão poderoso e firme que a senhora respondeu.

- *Minha filha! Conheci a tua mãe e o teu pai! Ela era aragonesa e muito bela. Teu pai era amigo do meu esposo. Estávamos para casar quando ambos morreram, de uma epidemia. Eram casados e felizes!*

Aldonça abriu os olhos. O seu espanto era enorme. Perguntou ainda:

- *E D. Jaime?*
- *D. Jaime é filho de um nobre cavaleiro, que nada tem a ver com o vosso pai! O meu esposo bem o sabe!*
- *Então, porque mentiu?*
- *A sua atitude é degradante! E talvez em breve o fiqueis sabendo! Mas, agora, vamos depressa ao mosteiro. É necessário chegar lá antes que D. Jaime professe!*

Da torre, D. Múnio viu a esposa partir, acompanhada de Aldonça. Compreendeu que fora louca a sua mentira, pois mesmo que D. Jaime já tivesse confessado, Aldonça nunca poderia amar outro homem senão ele e decerto odiaria, com todas as forças da sua alma, aquele que tinha

impedido a sua felicidade. Fora um louco, bem o reconhecia. Mas louco estava ele de amor por Aldonça. Restava-lhe, pois, deixar partir a rapariga para longe e suportar a esposa que havia escolhido. Encerrar-se-ia nos seus domínios e tentaria arrepender-se dos seus maus pensamentos e das suas péssimas obras.

Estava a tarde a finar-se quando as senhoras chegaram ao mosteiro de S. João. A esposa de D. Múnio fez-se anunciar e pediu para falar a D. Jaime. Disseram-lhe que este se preparava para tomar o hábito. Pediu a senhora para a falar ao superior. Contou-lhe o sucedido e solicitou permissão para falarem ao jovem cavaleiro.

Quando D. Jaime, ao entrar na sala, viu Aldonça, a sua palidez tornou-se ainda mais acentuada. A esposa de D. Múnio, compreendendo que ele ainda não havia sido informado da verdade sorriu-lhe, dizendo:

- D. Jaime! Porque repudiais a vossa noiva?

Ele empalideceu ainda mais.

- Senhora, acaso não sabeis do terrível segredo que nos une?

Ela esclareceu, serena:

- Vós é que não conheceis o terrível segredo que vos ia desunindo!

D. Jaime mostrou-se surpreendido:

- Que dizeis, senhora? De que segredo falais? Que mais há ainda?

- Embora me pese dizê-lo, há dois anos que D. Múnio luta com uma louca paixão pela sua pupila.

O jovem cavaleiro franziu as sobrancelhas e fechou os punhos.

- Não me digais, senhora, que a história que ele contou...

- ... Foi forjada pelo seu ciúme! É certo, D. Jaime. Ele imaginou uma monstruosa mentira!

- Quereis então dizer que Aldonça e eu... não somos irmãos?

- Não! Conheci bem os pais de Aldonça. Sua mãe era virtuosa e bela senhora e seu pai, o mais fiel dos maridos.

D. Jaime correu para a noiva de braços abertos. Ela deixou-se abraçar, chorando. O jovem cavaleiro, emocionado, dizia frases incompletas, ora

louvando a Deus, por o ter poupado a tão grande desgosto, ora jurando a Aldonça o seu amor eterno. Por fim, lembrou-se da esposa de D. Múnio. Libertou a noiva do seu abraço e veio beijar a mão da bondosa senhora, dizendo:

- *Que Deus vos recompense da alegria que me destes! Bem mereceis ser amada com mais verdade!*

Ela sorriu.

- *Já o fui, D. Jaime. Meu marido escolheu-me, não lhe fui imposta. Que isto vos sirva de exemplo para a vossa vida futura! Olhai para a vossa esposa como a única na vossa existência, e não vos deixeis prender por outras mais novas e mais belas, que hão-de surgir no vosso caminho!*
- *Assim o prometo! Mas agora... como há-de Aldonça voltar para o castelo?*
- *Aldonça não voltará para casa do tutor, que não soube sê-lo à altura dos seus deveres. Levá-la-ei a casa de uma amiga, que mora aqui perto. E vamos marcar o casamento para amanhã. Eu aqui estarei, com alguns dos meus filhos.*
- *Que Deus vos abençoe!*

Aldonça beijou a testa da nobre dama, que lhe tinha restituído a felicidade.

Lá fora, a tarde havia caído e a noite começara a descer.”

FIM

Obs.

“Múnio Viegas – Nos finais do século XI e século XII, existiram pelo menos quatro Múnios Viegas. Qual será o da lenda?”

- 1) *Múnio Viegas, O Velho. A história diz que este prócer era já casado antes de vir para Ribadouro. Foi o herói da reconquista de Ribadouro aos mouros. Atribui-se-lhe a fundação do Mosteiro de Vila do Bispo. Possuiu haveres em Castelo de Paiva.*
- 2) *D. Múnio Viegas, também do século XI, mas que era filho de Egas Moniz e de D. Toda Ermiges? Este era neto paterno de Múnio Viegas, o Velho. Foi senhor de muitos haveres por todo o Ribadouro. Teve autoridades pelos reis de Leão. Casou com D. Unisco Tratamires. Com seu irmão, Ermígeo Viegas, fundou o Mosteiro de S. João de Pendorada.*
- 3) *D. Múnio Viegas, nobre do século XII, filho de D. Egas Ermiges e de D. Gontina Eres? Foi casado com D. Velida Troitosento. Era primo-irmão de Egas Muniz.*
- 4) *D. Múnio Viegas, nobre do Século XII, Filho de Egas Moniz e de sua mulher D. Dordia Osores? Pertencia à linhagem dos Gascos ou de Ribadouro, pela parte do seu pai. Possuía bens na região ribaduriense.*

De qual destes quatro Múnio Viegas trata a nossa lenda? No meu entender, inclino-me para o segundo. Este D. Múnio Viegas, filho de Egas Moniz, foi quem fundou o mosteiro de Pendorada. Hoje Alpendorada e Matos. Ora a lenda fala nesse mosteiro.”

Bibliografia

MARQUES, Gentil. *Lendas de Portugal Vol. V*, Lendas do Amor, 3º ed, Editora Ancora, Novembro de 1999.